

Asssembleia da República Gabinete da Presidente
N.º de Entrada <u>414912</u>
Classificação <u>05 05</u>
Data <u>7.12.2011</u>



PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS  
Grupo Parlamentar

Por determinação de Sua Excelência  
Presidente da A.R. F. Capela  
7.12.2011

VOTO DE SAUDAÇÃO Nº 29 /XII

## PELA COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE MANUEL DA FONSECA

Manuel da Fonseca é uma figura relevante da história da cultura portuguesa e a sua obra literária, os seus romances, os seus contos, os seus poemas, ficarão como momentos maiores da nossa literatura.

Nasceu a 13 de Outubro de 1911 em Santiago do Cacém. Ali passou parte da sua adolescência e começou a escrever, às escondidas, os seus primeiros poemas, que só não ficaram desconhecidos porque um familiar em boa hora os fez publicar num jornal local.

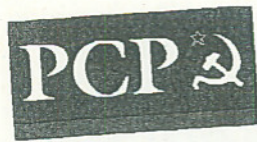
Tendo nascido no seio de uma família da pequena-média burguesia onde as raízes camponesas e operárias convergiam com ligações às artes e à cultura, Manuel da Fonseca encontrou nas casas dos avós maternos e paternos o primeiro contacto com os livros, descobrindo na biblioteca do avô paterno obras de Garrett, Victor Hugo, Zola, Eça e mesmo O Capital, de Marx.

Em Lisboa, para onde partiria em 1923, frequentou o Liceu Camões e fez amigos, coisa que nele era simples e natural, tamanha era a sua capacidade de, com uma postura sempre franca e leal, semear e colher a amizade.

Na década de 30, a par dos diversos empregos e profissões que foi assumindo, Manuel da Fonseca conviveu com muitos outros jovens que viriam a ter presença destacada na vida política e cultural, entre eles Keil do Amaral, Maria Keil, Mário Dionísio, Alves Redol, Ferreira de Castro, Bento de Jesus Caraça, Armindo Rodrigues e Manuel Ribeiro de Pavia. Pessoas que, diria mais tarde, tiveram sobre si uma grande influência porque, como explicou, «um homem que tem uma ideia, que a cultiva e que descobre os seus limites, descobrindo até para lá das possibilidades, convive e tem sempre um camarada extraordinário com o qual pode até não estar de acordo, mas é esse o sentido de liberdade que dá admirável eficácia à camaradagem».

Do seu primeiro livro de poemas – Rosa dos Ventos, publicado em 1940 e tendo como cenário e referência «a guerra de Espanha e a repressão do fascismo salazarista» – pode dizer-se que é o primeiro grande momento da poesia neo-realista.

No ano seguinte, integrado na poesia do Novo Cancioneiro, publica Planície e em 1943 surgem os contos de Aldeia Nova e o romance Cerromaior; dez anos depois, o livro de contos O Fogo e as Cinzas e, como que a fechar este ciclo, em 1958 é publicado Seara de Vento – romance que, logrando passar pelas malhas cerradas da censura fascista, que desde logo o proibiu, foi lido por muitos milhares de portugueses. Também em



PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS  
Grupo Parlamentar

2

1958 são publicados os Poemas Completos que virão, mais tarde, a englobar a Obra Poética.

A partir dos anos 60, Manuel da Fonseca contar-nos-á Lisboa – e disso são exemplo livros como O Anjo no Trapézio e Tempo de Solidão. Mas o espaço preferencial da maior parte da obra de Manuel da Fonseca, quer em poesia quer em prosa, é essencialmente o Alentejo, tendo como protagonista principal o povo alentejano na sua luta. É do Alentejo que Manuel da Fonseca nos fala como nenhum outro escritor o fez – do Alentejo do latifúndio opressor e explorador; dos grandes agrários suporte do regime fascista; do trabalho de sol-a-sol; do desemprego em parte grande do ano; das jornadas de miséria; da repressão brutal, das prisões, dos assassinatos.

Expoente maior do neo-realismo português, Manuel da Fonseca fez da sua obra literária instrumento de luta contra o fascismo e parte integrante da luta de massas, constituindo as suas obras expressões dos anseios e aspirações dos trabalhadores e do povo.

Assumindo uma inequívoca posição antifascista e uma clara opção pelo socialismo e pelo comunismo, torna-se militante do PCP nos anos 40 na sequência dos contactos já existentes desde os anos 30 e do convívio com outros intelectuais comunistas, designadamente Soeiro Pereira Gomes e Alves Redol.

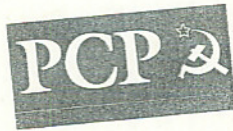
Tendo participado em inúmeras manifestações de actividade antifascista, como os célebres passeios no Tejo organizados por Alves Redol e Dias Lourenço protagonizados por destacados intelectuais militantes e simpatizantes comunistas, Manuel da Fonseca aderiu em 1945 ao MUD – Movimento de Unidade Democrática, tendo participado em 1947 na Comissão Distrital do MUD de Lisboa e apoiado, em 1949, a candidatura de Norton de Matos à Presidência da República.

Integrou, em 1951, o Comité Nacional da Defesa da Paz e viria a apoiar, em 1958, as candidaturas à Presidência da República de Arlindo Vicente e, na sequência da desistência deste, de Humberto Delgado. Viria ainda a aderir em 1969 à CDE – Comissão Democrática Eleitoral, durante a campanha para a eleição de deputados.

Em 1965 Manuel da Fonseca viria a sofrer na pele a brutalidade da polícia política do regime fascista. Era, então, Presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores e teve a ousadia de, em 1964, atribuir o Grande Prémio da Novelística a Luandino Vieira, militante do MPLA na altura preso no Tarrafal.

O fascismo não podia tolerar tal atrevimento. A Sociedade Portuguesa de Escritores foi encerrada e vários dos membros da sua Direcção foram presos pela PIDE, entre eles Manuel da Fonseca que foi detido em Caxias e submetido a vários interrogatórios, acusado de actividades contra a segurança do Estado.

É esse homem – o escritor genial que ficará para sempre na história da Literatura Portuguesa; o cidadão exemplar que amava a vida e a verdade e detestava a hipocrisia; o amigo fraterno e solidário de todos os momentos; o militante comunista que deu exemplo de firmeza ideológica e partidária – é esse homem que hoje a Assembleia da



PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS  
Grupo Parlamentar

República homenageia, guardando-o, para sempre e tal como ele foi, na nossa memória, e com a consciência de que o seu nome, o seu exemplo e a sua obra integrarão para sempre a nossa história colectiva.

A Assembleia da República, reunida em sessão Plenária, saúda e assinala o centenário do nascimento de Manuel da Fonseca.

Assembleia da República, 7 de Dezembro de 2011

Os Deputados,

*João Soares*  
*Bernardino Gomes*  
*João Soares*  
Rita Rato  
Paulo Fauto  
*Befflor*  
*João de Sousa*  
*M. L.*  
*Bernardo*  
*Aguiar*  
*António Filipe*  
António Filipe  
*Paulo L.*  
*João R.*